

Jean Case

prefácio de  
Jane Goodall

# Não Tenha Medo

BEST-SELLER  
INTERNACIONAL

5 princípios para uma vida de  
epifanias e grandes objetivos



**ALTA LIFE**  
EDITORA

Rio de Janeiro, 2019

CAP. DE AMOSTRA

# SUMÁRIO

*Prefácio: Jane Goodall*   xxiii

*Introdução: Encontrando a Garra*   xxix

*Minha História: Deixando o Normal para Trás*   xxxv

## **PARTE UM: APOSTE ALTO**

Capítulo 1: Comece Exatamente Onde Está	3
Capítulo 2: Seja Audacioso	19
Capítulo 3: Supere as Expectativas	29
Capítulo 4: Observe ao Redor	41
Capítulo 5: Agora Vá e Faça Sua Aposta Alta	49

## **PARTE DOIS: SEJA OUSADO, ARRISQUE-SE**

Capítulo 6: Saia da Zona de Conforto	55
Capítulo 7: Entenda o Risco como P&D	63
Capítulo 8: Dê Continuidade ao Trabalho de Outras Pessoas	71
Capítulo 9: Arrisque-se ou Arrependa-se	79
Capítulo 10: Agora Vá e Encontre a “Zona de Coragem”	87

**PARTE TRÊS: APROVEITE O FRACASSO**

Capítulo 11: Quebre a Cara e Aprenda	93
Capítulo 12: Fracasse Como os Gigantes	101
Capítulo 13: Enfrente as Adversidades	109
Capítulo 14: Mire o Futuro	115
Capítulo 15: Agora Vá e Aproveite o Fracasso	123

**PARTE QUATRO: SAIA DA BOLHA**

Capítulo 16: Livre-se dos Pontos Cegos	129
Capítulo 17: Forme Parcerias Impensáveis	137
Capítulo 18: Junte Tudo e Mude o Mundo	149
Capítulo 19: Intensifique as Parcerias para Crescer	161
Capítulo 20: Agora Vá e Saia da Bolha... Todos os Dias	169

**PARTE CINCO: SOBREPUJE A URGÊNCIA AO MEDO**

Capítulo 21: Agarre a Oportunidade	173
Capítulo 22: Seja o Primeiro Interventor	181
Capítulo 23: Não Pense Nem Analise Demais — Aja	189
Capítulo 24: Agora Vá e Faça a Diferença	199

*Epílogo: De Volta ao Normal* 203

*Notas* 207

*Índice* 225

## PREFÁCIO

# JANE GOODALL

Uma das mensagens mais importantes que compartilho com as pessoas ao viajar pelo mundo é que cada um de nós desempenha um papel, cada um de nós impacta de alguma forma o meio ambiente e a comunidade em que vivemos todos os dias. E podemos escolher que tipo de diferença queremos fazer.

Conforme avançar a leitura do livro da presidente da National Geographic Society, Jean Case, *Não Tenha Medo: 5 Princípios para uma Vida de Epifanias e Grandes Objetivos*, você verá que essa é uma das principais mensagens para seus leitores, que ecoa em todo seu apelo para termos garra — ou melhor, para que, quando necessário, superemos o medo de fazer o que sabemos ser o certo.

Conheço a importância dessas mensagens, já que o chamado para Não Ter Medo tem guiado toda a minha vida. Eu tive sorte. Quando tinha dez anos, sabia que queria ir para a África viver com animais selvagens e escrever livros sobre eles. Felizmente, tive uma mãe maravilhosa e encorajadora. Quando todos me disseram para sonhar com algo que eu realmente pudesse concretizar — afinal, tínhamos muito pouco dinheiro, a Segunda Guerra Mundial estava a toda, a África parecia muito distante,

e eu era só uma *garotinha* — minha mãe simplesmente me disse que eu teria que trabalhar arduamente, aproveitar todas as oportunidades... e nunca desistir. Eu gostaria que ela estivesse viva agora para que soubesse quantas pessoas me disseram: “Obrigado, Jane. Você me ensinou que, como você conseguiu, eu também posso conseguir.”

Bem, é de conhecimento geral que fui à África e tive a incrível oportunidade de viver e aprender com os animais que mais gostam de nós, os chimpanzés. Ninguém havia feito isso antes. As pessoas costumam me perguntar: “Você não sentiu medo quando estava sozinha na floresta?” Claro que em alguns momentos eu senti. Somos programados para sentir medo, pois é ele que faz a adrenalina fluir por nossas veias e nos dá a garra para fazer o que parece impossível.

Tive medo quando ouvi o estranho rugido de um leopardo à noite, enquanto eu dormia sozinha sob as estrelas para ficar perto dos chimpanzés quando eles acordassem. Eu disse a mim mesma que tudo ficaria bem — e me cobri até a cabeça com o lençol! Eu tive medo quando dois búfalos saíram detrás da vegetação rasteira — a onda de adrenalina me permitiu escalar uma árvore aparentemente impossível de ser escalada. (Precisei de mais coragem para, em algum momento, descer, sem saber se eles ainda estavam se escondendo, esperando por mim. Felizmente, não estavam!) Eu tive medo quando um grupo de chimpanzés, tendo perdido o medo de mim, começou a me tratar como predadora, gritando, balançando galhos e se aproximando. Agi como se não tivesse interesse neles, cavei um pequeno buraco no chão e fingi comer folhas — e eles acabaram indo embora!

No final das contas, todos os chimpanzés se acostumaram comigo, e eu pude ir até eles. Logo os reconheci como indivi-

duos, dei-lhes nomes, conheci suas personalidades muito diferentes. E aprendi que seus gestos de comunicação — beijar, abraçar, acariciar um ao outro, implorar com a mão estendida, e assim por diante — eram quase os mesmos que os nossos, usados nos mesmos contextos. Eu os observei usar caules de grama para pescar cupins. Notei que suas emoções também eram semelhantes (ou talvez iguais) às nossas em termos de felicidade, tristeza, medo, raiva, depressão e tristeza.

Foi um momento mágico em minha vida.

Então, depois de passar pouco mais de um ano com os chimpanzés, tive que ir para a Universidade de Cambridge tentar um doutorado em comportamento animal — embora nunca tivesse cursado uma graduação. Lá, tive que ser destemida e superar um tipo muito diferente de medo: imagine como me senti quando professores, pelos quais sentia grande admiração, disseram-me que eu havia feito tudo errado. Eu não deveria ter nomeado os chimpanzés — os números teriam sido mais científicos. Eu não deveria falar sobre suas personalidades, mentes ou emoções — essas eram características exclusivas dos seres humanos.

Felizmente, como eu não tinha frequentado uma universidade, ninguém havia me dito isso! Além disso, eu tive um maravilhoso professor na infância — meu cachorro, Rusty! Você não pode compartilhar sua vida de maneira significativa com *qualquer* animal que seja sem perceber que *não* somos os únicos seres com mentes, personalidades e, acima de tudo, emoções. Minha mãe sempre me disse que, se eu acreditasse que estava certa, deveria ter garra sobre minhas convicções. Então foi Rusty e minha mãe que me ajudaram a superar meu medo e a enfrentar aqueles professores.

Hoje, a Mãe Natureza precisa da nossa ajuda. Os chimpanzés, que tanto nos ensinaram, enfrentam sérios problemas — assim como tantos outros maravilhosos animais e plantas — enquanto suas florestas desaparecem. O mesmo acontece com bosques, pantanais, savanas e praticamente todos os habitats. Estamos perdendo a biodiversidade. Estamos poluindo terras, rios e oceanos. As populações humanas e o nosso planeta estão atribulados por inúmeros desafios, com uma grande necessidade de encontrar soluções sustentáveis para o futuro.

E é por isso que este livro é tão oportuno. Não houve outro momento na história em que foi mais crucial ser destemido, superar nossa aceitação do *status quo* e, cada um de nós, avançar e agir para fazer a diferença em nosso mundo.

Devemos trabalhar com o objetivo de capacitar todos para que consigam agir em prol de melhorar situações ruins e tornar os erros acertos. E *Não Tenha Medo* reúne as ferramentas e histórias que inspiram e empoderam a todos para tomar exatamente esse tipo de atitude.

Vejo o valor dessa mensagem todos os dias por meio do trabalho da Roots & Shoots, o movimento ambiental e humanitário do Jane Goodall Institute para jovens de todo o mundo, desde o jardim de infância até o ensino superior, que comecei em 1991. Hoje, são mais de 100 mil grupos ativos de Roots & Shoots em 70 países, compostos por jovens que trabalham para melhorar a situação de pessoas, animais e do meio ambiente. A mensagem mais importante da Roots & Shoots é que cada indivíduo faz a diferença todos os dias. E em alguns casos isso significa superar o medo. Não devemos ter medo de defender aquilo em que acreditamos, fazer as escolhas certas. E, quando milhões e milhões de pessoas fazem escolhas éticas, isso nos leva, cumulativamente, a um mundo melhor.



Então agora, enquanto lê o livro de Jean Case, *Não Tenha Medo*, espero que, se você ainda não estiver envolvido em alguma atividade, ouça o chamado para a ação e saiba que você também pode mudar o mundo. As histórias que Jean reuniu neste livro para dar vida aos princípios para Não Ter Medo provam que todos podem fazer a diferença. Não precisa ser algo homérico. Tente se voluntariar para ajudar organizações que atuem em áreas que você considera importantes — como recolher lixo, visitar pessoas idosas abandonadas por suas famílias ou trabalhar em abrigos de animais. Engaje-se em campanhas para proteger ambientes sob ameaça por causa do desenvolvimento ou perfuração. Aprenda mais a respeito do que está acontecendo — a seu redor e na sociedade como um todo. Mais cedo ou mais tarde, você descobrirá a questão que realmente desperta sua paixão; deixa-o triste, indignado, irritado. Então, arregace as mangas, faça acontecer e NÃO TENHA MEDO.

*Dra. Jane Goodall, DBE*

Fundadora do Jane Goodall Institute  
e do United Nations Messenger of Peace

[www.janegoodall.org](http://www.janegoodall.org)

CAP. DE AMOSTRA

## *INTRODUÇÃO*

# **ENCONTRANDO A GARRA**

Este livro é uma chamada à ação para aqueles que querem viver vidas extraordinárias. Talvez seja você.

Se acha que apenas gênios raros, indivíduos excepcionalmente privilegiados ou organizações com financiamento considerável podem lançar um produto inovador ou dar vida a um movimento que transforme o mundo, apresentarei a você nestas páginas pessoas destemidas de todos estilos de vida que tornaram o inimaginável real. Você ficará deslumbrado com as conquistas delas, e é fácil presumir que possuem habilidades ou vantagens extraordinárias que as diferenciam dos meros mortais. Mas tenho novidades para você. A única característica que tinham em comum era a seguinte: todas eram apaixonadas pela ideia de tornar o mundo melhor. Elas aproveitaram e preservaram as oportunidades apesar de obstáculos assustadores, fracassos recorrentes e objeções significativas — e tiveram sucesso. Hoje, olhamos para essas pessoas, nossos inventores mais lendários, e nos perguntamos como o mundo existia sem suas contribuições. Como verá aqui, muitas de suas histórias oferecem inspiração e dicas úteis sobre como podemos impactar de forma mais intensa todos os aspectos de nossas vidas, e ser referência de coragem para os outros.

Os desafios globais de hoje — pobreza, agitação civil, impasses políticos, crises econômicas, mudanças climáticas — são diariamente o cenário de nossas salas de estar. Mas, se esses problemas parecerem muito grandes e complexos — mais fáceis de ignorar do que de tentar resolver —, saiba que nunca houve um momento melhor para colocar a mão na massa. Uma explosão de inovação tecnológica está transformando o modo como vivemos. E, se quisermos acompanhar o ritmo acelerado das mudanças, precisamos repensar as formas tradicionais de agir.

Meu marido, Steve, e eu fundamos a Case Foundation em 1997 com uma missão ousada: *investir em pessoas e ideias capazes de transformar o mundo*. Isso significa que estamos sempre investigando e testando tudo para encontrar as melhores ideias, líderes e modelos para inovação. Há alguns anos, contratamos uma equipe de especialistas para determinar o “ingrediente secreto” que impulsionava os raros líderes, organizações e movimentos ao sucesso. Eles descobriram cinco princípios que estão consistentemente presentes quando ocorrem avanços revolucionários. Para desencadear esse tipo de mudança, você precisa:

- 1. Apostar alto.** Muitas pessoas e organizações são naturalmente cautelosas. Observam o que parecia funcionar no passado e tentam replicar, o que acarreta avanços apenas incrementais. Todas as transformações que verdadeiramente fizeram história ocorreram quando as pessoas decidiram optar por uma mudança revolucionária.
- 2. Ter garra, assumir riscos.** Tenha a coragem de testar coisas novas e não comprovadas, e o rigor de continuar experimentando. Correr riscos não é dar um salto cego de um precipício, mas adotar um longo processo de tentativa e erro, que não termina com o lançamento de um

produto nem o início de um movimento. Você precisa estar disposto a arriscar a *próxima* grande ideia, mesmo que isso signifique perturbar o próprio *status quo*.

3. **Dar importância ao fracasso.** Grandes empreendedores encaram o fracasso como uma parte necessária do progresso para o sucesso. Ninguém busca fracassar; mas, se você está tentando novas abordagens, o resultado é, por definição, incerto. Quando erros acontecem, os grandes inovadores valorizam o contratempo, aplicando as lições aprendidas e compartilhando-as com outras pessoas.
4. **Extrapolar sua bolha.** Nossa sociedade é escrava do mito do gênio solitário. Mas a inovação acontece nas interseções. Muitas vezes, as soluções mais originais surgem do envolvimento com pessoas com experiências diversas, para que novas e inesperadas parcerias se formem.
5. **Deixar o ímpeto vencer o medo.** Não pense demais nem dramatize. É natural querer analisar um problema de todos os ângulos, mas se perder em perguntas como “E se estivermos errados?” e “E se houver um jeito melhor?” pode paralisá-lo de medo. Permita que a necessidade imperativa de agir supere todas as dúvidas e contratempos.

Esses cinco princípios se resumem em três palavras: Não Tenha Medo. Juntos, compõem o roteiro para a efetiva implementação da mudança por pessoas de todas as classes sociais; mas é importante notar que não são “regras”. Eles nem sempre funcionam em paralelo ou sequencialmente, e nenhum deles é mais importante do que o outro. Pense neles como um conjunto de indicadores que ajudam a identificar quando as decisões estão sendo tomadas sem medo.

Sabíamos que estávamos envolvidos quando compartilhamos esses princípios com amigos e colegas e começamos a ouvir pessoas dos setores privado, público, sem fins lucrativos e filantrópico que queriam incorporá-los a seu trabalho.

Sempre que falo sobre mentalidade destemida, o público fica empolgado com a tangibilidade dos princípios. Como me disseram: “São atitudes que consigo adotar!” As pessoas frequentemente me procuram e contam suas histórias sobre garra, que iluminam minha imaginação e me encham de admiração: uma garota de 14 anos que criou uma organização sem fins lucrativos (ONG) para descartar de forma limpa medicamentos controlados; um homem que começou uma padaria para empregar homens e mulheres “não empregáveis” que tinham acabado de sair da prisão; um imigrante cubano que criou uma fórmula para tornar a vida assistida acessível; um ativista liberiano que elaborou um programa para ajudar comunidades remotas a terem acesso a clínicas médicas; um jovem agricultor que inventou um processo de plantio direto que salvará um dos recursos mais preciosos da Terra; um chef famoso de Washington, D.C., que descobriu como servir milhões de refeições para vítimas de furacões em extremas dificuldades.

Essas pessoas sonharam grande, mas a maioria começou com passos pequenos em terrenos conhecidos. Ler suas histórias é como seguir um rastro de migalhas de pão: elas fizeram ligações telefônicas, bateram às portas, escreveram suas opiniões em letras garrafais, fizeram promessas e as cumpriram, encontraram comunidades de apoio, e não aceitaram um não como resposta. Elas fizeram coisas que qualquer um pode fazer.

Não importa se você está trabalhando em uma startup, deparando-se com uma encruzilhada pessoal, integrando uma organização consolidada ou procurando inspiração para fazer uma mudança que transforme sua vida, os princípios para Não Ter Medo orientam como dar o próximo passo. É o momento para agir é agora.

Sempre me inspiro em pessoas que desafiam a si mesmas e àqueles que as cercam perguntando: “O que você faria se não sentisse medo?”

*Não Tenha Medo* conta histórias de inovadores, ativistas, artistas, empreendedores, cientistas, exploradores, empresários e colaboradores de organizações que responderam a essa pergunta com ações que falaram mais do que palavras. Alguns desses indivíduos lhe são familiares; de outros, você nunca ouviu falar. Ao ler sobre eles, espero que se imagine a seu lado.

CAP. DE AMOSTRA



*MINHA HISTÓRIA*

## DEIXANDO O NORMAL PARA TRÁS

Minha jornada pessoal para a mentalidade destemida começou da maneira mais normal possível — literalmente. Cresci na pequena cidade de Normal, Illinois, bem na região central dos EUA. Na década de 1960, Normal era o lar da Universidade do Estado de Illinois, da State Farm Insurance e do primeiro restaurante Steak'n Shake do país, cujo slogan — “In Sight, It Must Be Right” [À Vista, É Preciso Fazer Direito, em tradução livre] — era uma ode à virtude da transparência. Os clientes ficavam maravilhados ao ver deliciosos hambúrgueres sendo preparados diante de seus olhos.

Como muitas cidades do Centro-Oeste, Normal tinha uma mistura de operários, pequenos empresários, educadores, executivos e pessoas que lutavam para viver de salário em salário. As casas da alameda em que minha família morava pertenciam a professores da Universidade do Estado de Illinois, ao dono da franquia drive-in da A&W da cidade, a operários e caminhoneiros de longa distância, como meu pai.

Normal era o tipo de lugar em que todo mundo sabe seu nome. Meu quintal era um milharal, e eu corria pelas fileiras estreitas que separavam os pés de milho, explorando os campos e riachos circunvizinhos. Às vezes eu era confundida com um menino, de cabelo curto e moletom — e, quando não estava

vagando, era encontrada praticando esportes com os garotos da vizinhança. Quando eu tentava jogar como quarterback, meus irmãos mais velhos chegavam à linha de frente, pegando quem tentasse chegar até mim. (Embora mais tarde eles tenham me dito: “Se quiser que um garoto goste de você, tem que deixá-lo ganhar quando estiverem mano a mano no basquete.”)

Mamãe e papai saíram de Chicago para Normal pensando que uma comunidade pequena seria um ambiente melhor para criar os filhos. E, embora o cenário fosse ótimo nos primeiros anos, à medida que crescíamos, mamãe se preocupava cada vez mais com as oportunidades limitadas oferecidas pela cidade. Ela tinha grandes sonhos e achava que Normal nos restringiria.

Mais ou menos na mesma época em que mamãe começou a se preocupar com nosso futuro, minha primeira experiência de mudança de vida aconteceu: meus pais se divorciaram. Sozinha com quatro filhos, ela se viu obrigada a trabalhar como garçonete à noite para pagar as contas. Foram tempos difíceis; mas, felizmente, os pais da minha mãe se dispuseram a nos ajudar.

Meus avós se mudaram da Alemanha para os EUA na véspera da Grande Depressão. Sem falar inglês, tentaram encontrar qualquer trabalho disponível. Para meu avô, isso significou transportar pianos para apartamentos altos em prédios sem elevadores. Minha avó produzia cerveja em sua banheira para vender para os outros imigrantes alemães do bairro. (Eram anos de Lei Seca.) À medida que seu inglês melhorava, também cresciam as perspectivas de trabalho. Em sua primeira década nos EUA, eles se tornaram pequenos empresários, começando com uma atividade de limpeza de cortinas em Chicago, antes de se estabelecerem na cidade irmã de Normal, Bloomington, onde compraram e passaram a gerir um hotel perto da Main Street.

Foi nesse hotel que desenvolvi meu tino para os negócios. Mamãe trabalhava como garçonete à noite, o que deixava seus dias livres, então ela regularmente nos levava ao hotel para ajudar da maneira que pudéssemos. Meus irmãos jogavam carvão na fornalha, e minha irmã e eu anotávamos recados e fazíamos pequenas tarefas. Eu me senti a garota mais sortuda do mundo quando consegui me sentar atrás da grande recepção e fingir que estava no comando. Havia um grande expositor de vidro com doces e alguns itens básicos, e minha avó notou que os hóspedes estavam muito mais dispostos a comprar algo se eu estivesse atrás do balcão. Ela supôs que todos queriam ser legais com “a garotinha”, então me incentivou a cumprimentar os hóspedes ou ficar a seu lado enquanto trabalhasse atrás do balcão.

Para mim, a destemida jornada de meus avós nos EUA e sua incansável ética profissional foram uma lição inicial de que é possível começar sem muitos recursos, contatos ou habilidades — incluindo a linguagem — e construir vidas valiosas. Além de sua colaboração para nossas vidas, eles foram líderes cívicos em nossa cidade e amplamente respeitados pelas muitas contribuições.

Contudo, cada vez mais minha mãe passou a acreditar que, para prosperar, teríamos que deixar a comodidade de Normal para trás. Então, com poucos recursos e quatro filhos para cuidar, ela decidiu se arriscar. Lembro-me do dia em que anunciou que estávamos nos mudando para Fort Lauderdale a milhares de quilômetros. Eu tinha 11 anos e escutei com receio sua descrição do quanto amaríamos aquele lugar. Não conhecíamos uma única pessoa lá. Mas mamãe tinha um otimismo contagiante e de alguma forma fez nossa mudança parecer uma grande aventura. Que, no fim das contas, acabou por ser.

Eu tinha frequentado a escola pública de Normal; mas, no dia em que fomos de carro até a escola de Pompano Beach, onde eu me matricularia, foi inevitável reparar no compensado que cobria as janelas, no grafite pintado nas paredes e nos policiais que patrulhavam os corredores. A falta de imposto de renda no estado da Flórida fazia com que os recursos destinados às escolas fossem insuficientes. Mamãe e eu demos apenas alguns passos pelo corredor antes de eu sentir meu braço sendo puxado. “Vamos”, disse ela, me conduzindo de volta para a entrada. “Você merece mais do que isso.”

Depois disso, os ventos sopraram a favor de mamãe. Visitamos uma escola católica local, mas não nos sentimos muito bem-vindas, talvez porque ela fosse uma mulher divorciada com quatro filhos. Depois de visitar outras escolas particulares da região, recebemos a notícia de que, graças à boa educação que recebi em Illinois, eu pularia de série e receberia uma bolsa de estudos para uma nova escola, fundada pela igreja presbiteriana local. Como estava no início, sem legado para proteger, poderia arriscar com uma criança como eu. Eu não poderia ter imaginado como essa escola seria a passagem para uma grande educação, que minha mãe nunca poderia ter me proporcionado, tudo graças à generosidade dos outros.

Na nova escola, me inspiraram e motivaram. Ainda me lembro da minha professora do sexto ano, a srta. Neal, que tinha 21 anos e inventava desculpas de atividades para fazer comigo depois da aula, o que mais tarde percebi ser sua maneira de cuidar de uma garota novata na cidade que tinha que esperar a mãe sair do trabalho. Até hoje ela continua sendo uma amiga muito querida.

Nos primeiros anos depois que nos mudamos para a área de Fort Lauderdale, passei os verões em Illinois com meus avós, ficando mais próxima deles a cada ano que passava. Quando mi-

nha avó faleceu, senti uma enorme perda, assim como o resto da família; mas nos reanimamos quando meu avô decidiu comprar uma casa próxima à nossa. No meu aniversário de 16 anos, optei por morar com ele, e essa experiência me levou a uma educação totalmente nova.

Todos os dias tomávamos café juntos antes da escola, e depois conversávamos sobre meu dia. Frequentemente caminhávamos pela rua até um canal em que pescávamos juntos. Apreciei o tempo que passei com meu avô, e ele me ensinou a ter uma disciplina que agradeço até hoje, incluindo seu hábito de bater à porta do meu quarto se eu não estivesse acordada às 7h — mesmo nos finais de semana ou em dias livres de férias. Com sua voz profunda e sotaque alemão, gritava alto do outro lado: “São sete da manhã! Você vai dormir o dia todo?” Sempre entendi que o que ele estava tentando de fato transmitir era o seguinte: “É um novo dia. Há muito a ser feito. Não desperdice isso.” E, graças a ele, esse é o espírito que levei para minha vida.

Eu sonhava em me tornar advogada e, no ensino médio, tive a sorte de conseguir um estágio com o juiz E. Clay Shaw Jr., que logo se tornaria prefeito e depois membro do Congresso. A maior parte do trabalho era administrativa — arquivamento, digitação e afins. Mas aquelas tardes no gabinete do juiz Shaw foram meu primeiro contato com um ambiente verdadeiramente profissional: as pessoas vestiam ternos, usavam um vocabulário e se comportavam de uma maneira a que eu não fora exposta anteriormente. No final de cada semana, o juiz Shaw me chamava em seu escritório, pedia para que eu me sentasse em uma das duas cadeiras que ladeavam a lareira (uma visão rara no sul da Flórida) e me perguntava: em que estava trabalhando; o que aprendera naquela semana; como eram minhas notas e se eu era disciplinada. Ele estava me orientando, e toda sexta-feira, quando saía de seu escritório, eu prometia nunca o decepcionar.

Durante a graduação, fui voluntária na campanha de Shaw para o Congresso. Depois que foi eleito, em 1980, juntei-me a sua equipe como assistente enquanto cursava as aulas, à noite. Graças a essa experiência, ao me mudar para Washington, consegui um emprego como jovem política nomeada na administração Reagan. Meu irmão mais velho fez a viagem de 1.600km comigo, emprestando-me seu cartão de crédito da Sears assim que chegamos, para que eu comprasse ferro e tábua de passar. Até hoje falo com ele quase todas as manhãs. Mamãe não criou só uma família; éramos uma tribo, cuidando uns dos outros.

Minha carreira parecia estar em uma trajetória positiva, e não demorou muito para que eu fizesse meu caminho no setor privado. Era a ascensão da internet, e a startup que me contratara foi o primeiro serviço online exclusivo. Fiquei empolgada em trabalhar para democratizar o acesso a ideias, informações e comunicação — empoderando pessoas. Quando eu era jovem, mamãe passou quase dois anos parcelando uma enciclopédia para a família. Agora, todo o conhecimento contido naqueles vastos volumes era acessível com o clique de um botão. Fiquei emocionada ao pensar que meu papel no setor privado poderia contribuir mais para beneficiar os outros do que no público.

Em pouco tempo, assumi uma posição semelhante na General Electric; depois, aos 20 e tantos anos, juntei-me a outra nova startup que se tornaria a America Online (AOL), na qual eu passaria quase uma década, à medida que a AOL ajudava a promover a revolução da internet. O nome que escolhemos para o serviço refletiu nossa grande ideia: *colocar a América online*. No seu auge, a AOL realizava 50% do tráfego da internet do país. Foi uma experiência extremamente gratificante. Eu me senti incrivelmente sortuda por fazer parte de um dos maiores períodos de inovação que os EUA tinham visto.

Foi durante esses anos da AOL que acrescentei outro papel importante e estimado a minha vida — me tornei mãe. Minhas duas filhas mudaram para sempre o jeito como vejo o mundo. Mais tarde, foi uma benção expandir-nos para uma família que agregou mais três crianças à mistura! Logo percebi que o papel da mãe trabalhadora exigiria o próprio senso de garra na criação de filhos. O que eu não poderia prever era o quanto aprenderia com eles e que fonte de inspiração seriam em minha vida.

Sempre construí minha carreira e apliquei minhas habilidades em prol da capacitação dos outros. Sim, consegui mais do que esperava, mas ainda estava inquieta, querendo causar um impacto ainda maior. Então, em 1997, deixei a AOL, e Steve e eu cofundamos a Case Foundation. Eu me tornei CEO. Firmamos o compromisso de doar a maior parte da nossa riqueza para os outros, e, para mim, foi uma experiência que fechou um ciclo. Como antiga *beneficiária* de filantropia, que me lançou em um mundo de oportunidades, agora eu poderia ajudar a melhorar a vida dos outros.

Para mim, a Case Foundation não era apenas uma questão de compartilhar a riqueza. As fundações familiares são muitas vezes o desfecho de uma vida de sucesso, uma maneira de distribuir dinheiro para causas dignas. Mas nosso objetivo era que a Case Foundation funcionasse como um laboratório dinâmico para a mudança. Foi a missão mais ambiciosa da minha vida, e pude ver que tudo o que fiz antes ajudou a me preparar para o desafio.

Eu sabia que me tornar CEO da Case Foundation era o primeiro passo do empreendimento mais desafiador da minha vida — que me exigiria abraçar uma mentalidade destemida, e foi o que tentei fazer nos anos seguintes. Mais recentemente, depois de mais de uma década trabalhando em vários conselhos da National Geographic Society, tive o privilégio de ser nomeada a primeira presidente do Conselho de Administração.

Há muito tempo adoro essa organização, que tem transformado a vida das pessoas durante 130 anos com o poder da ciência, exploração e narração de histórias. Os homens e mulheres destemidos da National Geographic colocaram-se corajosamente na linha de frente do desconhecido, muitas vezes sob enorme risco, e compartilharam seus conhecimentos e experiências com o restante de nós. A National Geographic Society disponibiliza os recursos e a plataforma necessários para que as aventuras no desconhecido aconteçam. Como parte dessa notável organização, senti meu quociente de garra aumentar, e fiquei feliz em adotar o lema da exploradora Jane Goodall: “Todo indivíduo pode fazer a diferença todos os dias.” Na verdade, se você olhar de perto para a National Geographic Society verá os cinco princípios para Não Ter Medo no trabalho diário de toda a empresa em todo o mundo.

Seja na Case Foundation, na National Geographic Society ou em qualquer outra iniciativa ou causa que mexa comigo, lembro-me constantemente do meu primeiro e mais corajoso exemplo. Mamãe faleceu há cerca de uma década, mas sua natureza generosa e determinação indomável continuam a me inspirar. Ela foi a pessoa que me ensinou a assumir riscos, ver possibilidades e ser boa para os outros. Ela não usava palavras rebuscadas como “filantropia”, mas impactou todos de quem se aproximou. Neste livro, falo sobre fazer uma aposta alta. Percebi que *eu* era a aposta alta da minha mãe; ela dedicou sua vida a me ajudar a descobrir como encontrar propósito e sucesso. Com ela, aprendi que todos somos capazes de implementar ações grandiosas, mas, às vezes, é preciso deixar a comodidade do Normal para trás.